

AS ARISTOCRACIAS – THE ARISTOCRACIES
FILOSOFIA ESPÍRITA – SPIRITIST PHILOSOPHY
Livro: Obras Póstumas – Book Posthumous Works
Allan Kardec

Aristocracia vem do grego **aristos**, o melhor, e **kratos**, poder. Aristocracia, pois, em sua acepção literal, significa: **poder dos melhores**. Há-se de convir em que o sentido primitivo tem sido por vezes singularmente deturpado; mas, vejamos que influência o Espiritismo pode exercer na sua aplicação. Para esse efeito, tomemos as coisas no ponto de partida e acompanhemolas através das idades, a fim de deduzirmos daí o que acontecerá mais tarde.

Aristocracia dos Patriarcas

Em nenhum tempo, nem no seio de nenhum povo, os homens, em sociedade, não podiam prescindir de chefes; com estes deparamos nas tribos mais selvagens. Decorre isto de que, em razão da diversidade das aptidões e dos caracteres inerentes à espécie humana, há por toda parte homens incapazes, que precisam ser dirigidos, homens fracos que reclamam proteção, paixões que exigem repressão. Daí a necessidade imperiosa de uma autoridade. É sabido que, nas sociedades primitivas, essa autoridade foi conferida aos chefes de família, aos antigos, aos anciãos; numa palavra: aos patriarcas. Essa a primeira de todas as aristocracias. Tornando-se numerosas as sociedades, a autoridade patriarcal veio a ficar impotente em certas circunstâncias.

Aristocracia da força bruta

As querelas entre povoações vizinhas deram lugar a combates; fez-se mister, para dirigi-las, não mais os velhos, porém homens fortes, vigorosos e inteligentes; daí os chefes militares. Vitoriosos, estes chefes foram investidos da autoridade, esperando os seus comandados que com a valentia deles estariam garantidos contra os ataques dos inimigos. Muitos, abusando da posição a que tinham sido elevados, se apossavam dela por si mesmos. Depois, os vencedores passaram a impor-se aos vencidos, ou os reduziram à escravidão. Daí a autoridade da força bruta, que foi a segunda aristocracia.

Aristocracia do nascimento

Os fortes, com os bens que possuíam, transmitiriam muito naturalmente a seus filhos a autoridade de que desfrutavam; e os fracos, nada ousando dizer, se habituaram pouco a pouco a ter esses filhos por herdeiros dos direitos que os pais haviam conquistado e a considerá-los seus superiores. Veio assim a divisão da sociedade em duas classes: a dos superiores e a dos inferiores, a dos que mandam e a dos que obedecem. Estabeleceu-se de tal modo a aristocracia do nascimento, que tão poderosa e preponderante se tornou, quanto a da força, visto que, se não tinha por si a força, como nos primeiros tempos, em que importava fizesse cada um o sacrifício da sua pessoa, dispunha de uma força mercenária. Na posse de todo o poder, ela naturalmente se arrogou todos os privilégios. Para conservação destes, era

necessário lhes dessem o prestígio da legalidade; ela então fez leis em seu próprio proveito, o que lhe era fácil, pois que ninguém mais as fazia. Como isto, entretanto, não bastasse, juntou aos privilégios o prestígio do direito divino, para torná-los respeitáveis e invioláveis. A fim de lhes assegurar o respeito das classes submetidas, que cada vez mais numerosas se faziam e mais difíceis de ser contidas, mesmo pela força, um único meio havia: impedi-las de ver claro, isto é, conservá-las na ignorância.

Se a classe superior houvesse podido manter a classe inferior sem se ocupar com coisa alguma, tê-la-ia governado facilmente durante ainda longo tempo; mas, como a segunda fosse obrigada a trabalhar para viver, e trabalhar tanto mais quanto mais premida se achava, resultou que a necessidade de encontrar incessantemente novos recursos, de lutar contra uma concorrência invasora, de procurar novos mercados para os produtos, lhe desenvolveu a inteligência e fez com que as próprias causas, de que os da classe superior se serviam para trazê-la sujeita, a esclarecessem. Não se patenteia aí o dedo da Providência?

A classe submetida viu com clareza as coisas; viu a fraca consistência que lhe opunham e, sentindo-se forte pelo número, aboliu os privilégios e proclamou a igualdade perante a lei.

Este princípio, no seio de alguns povos, marcou o fim do reinado da aristocracia de nascimento, que passou a ser apenas nominal e honorífica, porquanto já não confere direitos legais.

Aristocracia do dinheiro

Elevou-se então uma nova potência, a do dinheiro, porque com dinheiro se dispõe dos homens e das coisas. Era um sol nascente e diante do qual todos se inclinaram, como outrora se curvavam diante de um brasão. O que não se concedia ao título, concedia-se à riqueza e a riqueza teve igualmente seus privilégios.

Aristocracia da inteligência

Logo, porém, se aperceberam de que, para conseguir a riqueza, certa dose de inteligência era necessária, não sendo necessária muita para herdá-la, e de que os descendentes são quase sempre mais hábeis em a consumir, do que em ganhá-la, de que os próprios meios de enriquecimento nem sempre são irreprocháveis, donde resultou ir o dinheiro perdendo pouco a pouco o seu prestígio moral e tender essa potência a ser substituída por outra, por uma aristocracia mais justa: a da inteligência, diante da qual todos podem curvar-se, sem se envilecerem, porque ela pertence tanto ao pobre quanto ao rico. Será a última? Será a mais alta expressão da Humanidade civilizada?

Não.

Aristocracia intelecto-moral

A inteligência nem sempre constitui penhor de moralidade e o homem mais inteligente pode fazer péssimo uso de suas faculdades. Doutro lado, a moralidade, isolada, pode, muita vez, ser incapaz. A reunião dessas duas faculdades, *inteligência* e *moralidade*, é, pois, necessária a criar uma preponderância legítima, a que a massa se submeterá cegamente, porque lhe inspirará plena confiança, pelas suas luzes e pela sua justiça. Será essa a última

aristocracia, a que se apresentará como consequência, ou, antes, como sinal do advento do reinado do bem na Terra. Ela se erguerá muito naturalmente pela força mesma das coisas. Quando os homens de tal categoria forem bastantes numerosos para formarem uma maioria imponente, a massa lhes confiará seus interesses.

Como vimos, todas as aristocracias tiveram sua razão de ser; nasceram do estado da Humanidade; assim há de acontecer com o que se tornará uma necessidade. Todas tiveram ou terão o seu tempo, conforme os países, porque nenhuma teve por base o princípio moral; só este princípio pode constituir uma supremacia durável, porque terá a animá-la sentimentos de justiça e caridade. A essa aristocracia chamaremos: **aristocracia intelecto-moral**.

Mas, semelhante estado de coisas será possível com o egoísmo, o orgulho, a cupidez que reinam soberanos na Terra? Responderemos terminantemente: sim, não só é possível, como se implantará, por ser inevitável. Já hoje a inteligência domina; é soberana, ninguém o pode contestar. É tão verdade isto, que já se vê o homem do povo chegar aos cargos de primeira ordem.

Essa aristocracia não será mais justa, mais lógica, mais racional, do que a da força bruta, do nascimento, ou do dinheiro? Por que, então, seria impossível que se lhe juntasse a moralidade? Porque, dizem os pessimistas, o mal domina sobre a Terra. Quem ousará dizer que o bem nunca o sobrepujará? Os costumes e, por conseguinte, as instituições sociais, não valem cem vezes mais hoje do que na Idade Média? Cada século não se assinala por um progresso? Por que, então, a Humanidade pararia, quando ainda tem tanto que fazer?

Por instinto natural, os homens procuram o seu bem-estar; se não o acharem completo no reino da inteligência, procurá-lo-ão algures, e onde poderão encontrá-lo, senão no reino da moralidade? Para isso, torna-se preciso que a moralidade sobrepuje numericamente.

Não há contestar que muitíssimo se tem que fazer; mas, ainda uma vez, fora tola pretensão dizer-se que a Humanidade chegou ao apogeu, quando é vista a avançar continuamente pela senda do progresso. Digamos, antes de tudo, que os bons, na Terra, não são absolutamente tão raros como se julga; os maus são numerosos, é infelizmente verdade; o que, porém, faz parecê-los ainda mais numerosos é que têm mais audácia e sentem que essa audácia lhes é indispensável ao bom êxito. De tal modo, entretanto, compreendem a preponderância do bem, que, não podendo praticá-lo, com ele se mascaram. Os bons, ao contrário, não fazem alarde das suas boas qualidades; não se põem em evidência, donde o parecerem tão pouco numerosos. Pesquisai, no entanto, os atos íntimos praticados sem ostentação e, em todas as camadas sociais, deparareis com criaturas de natureza boa e leal em número bastante a vos tranquilizar o coração, de maneira a não desesperardes da Humanidade.

Depois, cumpre também dizê-lo, entre os maus, muitos há que apenas o são por arrastamento e que se tornariam bons, desde que submetidos a uma influência boa. Admitamos que, em 100 indivíduos, haja 25 bons e 75 maus; destes últimos, 50 se contam que o são por fraqueza e que seriam bons, se observassem bons exemplos e, sobretudo, se tivessem sido bem encaminhados desde a infância; dos 25 maus, nem todos serão incorrigíveis. No estado atual

das coisas, os maus estão em maioria e ditam a lei aos bons. Suponhamos que uma circunstância qualquer opere a conversão de 50 por cento deles: os bons ficarão em maioria e a seu turno ditarão a lei; dos 25 outros, francamente maus, muitos sofrerão a influência daqueles, restando apenas alguns incorrigíveis sem preponderância.

Tomemos um exemplo, para ilustrar o que acabamos de dizer: Há povos no seio dos quais o assassinio e o roubo são a normalidade, constituindo exceção o bem.

Nos povos mais adiantados e mais bem governados da Europa, o crime é a exceção; acuado pelas leis, ele nenhuma influência exerce sobre a sociedade. O que nesses povos ainda predomina são os vícios de caráter: o orgulho, o egoísmo, a cupidez com seus cortejos. Por que, progredindo esses povos, os vícios não se tornariam a exceção, como o são hoje os crimes, ao passo que os povos inferiores galgariam o nosso nível? Negar a possibilidade dessa marcha ascendente fora negar o progresso. Certamente, chegar a tal estado de coisas não pode ser obra de um dia, mas, se há uma causa capaz de apressar-lhe o advento, essa causa é, sem nenhuma dúvida, o Espiritismo.

Fator, por excelência, da fraternidade humana, por mostrar que as provas da vida atual são a conseqüência lógica e racional dos atos praticados nas existências anteriores, por fazer de cada homem o artífice voluntário da sua própria felicidade, a vulgarização universal do Espiritismo dará em resultado, necessariamente, uma elevação sensível do nível moral da atualidade.

Apenas elaborados e coordenados, já os princípios gerais da nossa filosofia hão congregado, em imponente comunhão de idéias, milhões de adeptos espalhados por toda a Terra. Os progressos realizados pela sua influência, as transformações individuais e locais que eles têm provocado em menos de quinze anos, permitem apreciemos as modificações imensas e radicais que operarão no futuro.

Mas, se, graças ao desenvolvimento e à aceitação geral dos ensinamentos dos Espíritos, o nível moral da Humanidade tende constantemente a elevar-se, singularmente se iludiria quem supusesse que a moralidade preponderará sobre a inteligência. O Espiritismo, com efeito, não quer que o aceitem cegamente; reclama a discussão e a luz.

“Em vez da fé cega, que aniquila a liberdade de pensar, diz ele: **Não há fé inabalável, senão a que possa encarar face a face a razão, em todas as épocas da Humanidade. A fé necessita de base e esta base consiste na inteligência perfeita daquilo em que se haja de crer. Para crer, não basta ver, é, sobretudo, preciso compreender.**”(O Evangelho segundo o Espiritismo.)

Com bom direito, pois, podemos considerar o Espiritismo como um dos mais fortes precursores da aristocracia do futuro, isto é, **da aristocracia intelecto-moral**. (Os críticos de Kardec, que geralmente o acusam de misticismo, ingenuidade, alienação – sem jamais o haverem lido e muito menos estudado – ficariam surpresos se acaso se dessem ao trabalho de ler um ensaio como este, em que os problemas sociais, econômicos, políticos, religiosos e culturais da Humanidade são expostos numa síntese precisa, resultado de uma análise objetiva da realidade existencial. O mesmo se daria com a leitura do ensaio anterior sobre a trilogia *liberdade, igualdade e fraternidade*. A tese das aristocracias,

como se vê, restabelece o sentido etimológico do termo colocando o problema em sua exata perspectiva histórica e social. O império da aristocracia da inteligência é inegável na era tecnológica, mas é também evidente o clamor geral contra a falta de moralidade em nosso tempo. Esse clamor, que em grande parte se traduz na reivindicação da justiça social, confirma a previsão de Kardec sobre o advento inevitável da futura *aristocracia intelecto-moral*. Leia-se, a propósito, *O Homem e a Sociedade numa Nova Civilização* de Humberto Mariotti. *Nota de J. Herculano Pires.*)

SPIRITIST PHILOSOPHY

Book: Posthumous Works

Allan Kardec

The Aristocracies

Aristocracy comes from the Greek **aristos**, the best, and **kratos**, power. Aristocracy, therefore, in its literal sense, means: **power of the bests**. It is necessary to consider that the primitive sense has sometimes been singularly distorted; but, let us see what influence the Spiritism can exert on its application. For this purpose, let us take the things at the starting point and let us accompany them through the ages, in order to deduct from this what will happen later.

Aristocracy of the Patriarchs

Never before, nor in the middle of any people, the men in society, could live without chiefs; with these we face in the most savage tribes. It follows from this that, in reason of the diversity of aptitudes and of the characters inherent to the human species, exists everywhere men incapable, who need to be directed, weak men who claim protection, passions that require repression. From this, the urgent need for an authority. It is known that, in the primitive societies, this authority was conferred to the chiefs of family, to the antiques, to the ancients; in a word, to the patriarchs. This, the first of all the aristocracies. Becoming numerous the societies, the patriarchal authority came to be impotent in certain circumstances.

Aristocracy of the Force Brute

The discussions among the neighboring populations have resulted in combats; it was necessary, in order to direct them, no more the old men, but forts, vigorous and intelligent men; from this the military leaders. Victorious, these chiefs were invested of the authority, hoping their subordinates that with the courage of them would be guaranteed against the attacks from the enemies. Many, abusing of the position at which had been elevated, possessed of it by themselves. Later, the winners began to impose themselves to the conquered, or reduced them to slavery. Hence the authority of brute force, which was the second aristocracy.

Aristocracy of the Birth

The strong, with the goods that have, quite naturally transmitted to their children the authority of what they enjoyed; and the weak, nothing daring to say, little by little accustomed themselves to accept these children by heirs of the rights that the parents had conquered and consider them their superiors. So came the division of the society into two classes: that of the superiors and of the inferiors, of those who command and of those who obey. It was established in such a manner the birth aristocracy, that so powerful and dominant became, like that of the force, if although did not have, by itself, the force, as in the first times, in which imported made each one the sacrifice of his person, disposed of a mercenary force. In possession of all power, it naturally has arrogated all the privileges. For the conservation of these, it was necessary to give them the prestige of the legality; it, then, made laws for its own benefit, which was easy to it, since that no one else did them. As this, however, were not enough, joined to the privileges the prestige of the divine right, in order to make them respectable and inviolable. In order to assure the respect of the submitted classes, that each time more numerous became, and more

difficult of being contained, even by the force, a unique means existed: to impede them of seeing clearly, that is, keep them in the ignorance.

If the superior class had been able to keep the inferior class without occupy herself with anything, would have governed her easily during long time yet; but, as the second was obliged to work for a living, and work so much more pressed she was, it resulted that the need to find constantly new resources, of fighting against an invading concurrence, of seeking new markets for the products, developed to her the intelligence and made that the own causes, of which those of the superior class had served to bring her subjected, finished for to clarify them. Does not patent here the finger of the Providence?

The submitted class saw clearly the things; saw the weak consistency that were opposed to her and, feeling herself strong by the number, abolished the privileges and proclaimed the equality before the law.

This principle, among some peoples, marked the end of the reign of the aristocracy of birth, which just happened to be nominal and honorific, because no longer confer legal rights.

Aristocracy of the Money

Was raised then a new potency, that of the money, because with money are disposed of the men and of the things. It was a rising sun and before which all inclined down, as before inclined before a coat. What was not granted to the title was granted to the richness and the richness also had its privileges.

Aristocracy of the Intelligence

Soon, however, they perceived that, in order to achieve the richness, a certain dose of intelligence was needed, not being necessary a lot to inherit it, and that the descendants are often more apt at consuming, than in gaining it, and that the own means of enrichment are not always irreproachable, of which resulted go the money gradually losing its moral prestige and tending this power to be substituted by another, for a more just aristocracy: that of the intelligence, before which all can bend down without humiliate themselves, because it belongs as much to the poor as the rich. Will be the last? Will be it the highest expression of the civilized Humanity?

Do not.

Aristocracy Intellectual-Moral

The intelligence constitutes not always guarantee of morality and the more intelligent man can make bad use of their faculties. From another side, the morality, isolated, may, too much time, being unable. The union of these two faculties, *intelligence* and *morality*, it is, therefore, necessary in order to create a legitimate preponderance, to which the masses will submit blindly, because will inspire to them complete confidence, by its lights and its justice. This will be the last aristocracy, the one that will present itself as consequence, or, before, as signal of the advent of the reign of the good on Earth. It will rise itself very naturally by the force even of the things. When the men of that category will be numerous enough in order to form an imposing majority, the mass will entrust to them their interests.

As we have seen, all the aristocracies had its reason for being; were born of the state of the Humanity; so will happen with what will become a necessity. All had or will have its time, according to the countries, because no one had by basis the moral principle; only this principle may constitutes a durable supremacy, because it will have to animate itself feelings of justice and charity. To this aristocracy we will call: *intellectual-moral aristocracy*.

But, will be possible, similar state of things, with the egoism, the pride, the cupidity that reign sovereign on the Earth? We answer terminally: yes, not only is it possible, as it will be implanted, because it is inevitable. Already today, the intelligence dominates; is sovereign, nobody can contest it. It is so true that, already is seen the man of the people to reach the positions of first order.

Will not be this aristocracy more just, more logical, more rational, than that of the brute force, of the birth, or of the money? Why, then, it would be impossible to join to it the morality? Because, say the pessimists, the evil dominates over the Earth. Who will dare to say that the good never will surpasses it? The customs and, therefore, the social institutions, are not worth a hundred times more today than in the Middle Ages? Each century is not marked by a progress? Why, then, the Humanity would stop, when still has so much to do?

By natural instinct, the men seek their well-being; if they do not find it complete in the reign of the intelligence, will look for it somewhere, and where could they find it, except in the reign of the morality? For this, it is necessary that the morality surpass numerically.

There is no contest that very much has to do; but, once again, it would be foolish pretension to say that the Humanity reached its apogee, when it is seen to advance continuously on the path of the progress. Say, first of all, that the good men, on the Earth, are not absolutely so rare as are judged; the bad are numerous, it is unfortunately true; what, though, does they seem even more numerous is that they have more audacity and feel that this audacity is indispensable to the success. In such a way, however, they understand the preponderance of the good, which, not being able to practice it, with it masquerade themselves. The good men, by contrast, do not emphasize their good qualities; do not put themselves in evidence, from which they seem so few numerous. You research, however, the intimate acts practiced without ostentation and, in all the social classes, you will face with creatures of good and loyal nature in numbers enough to tranquilize your heart, in order that you not desperate of the Humanity.

Then, complies also say, among the bad, there are many who are only by dragging and who would become good, since submitted to a good influence. Let us admit that, in 100 individuals, there are 25 good and 75 bad; of these last, 50 are counted that are bad by weakness and that would be good, if they observed good examples and, especially, if they had been well oriented from the infancy; of the 25 bad, not all will be incorrigible. In the present state of the things, the bad are in the majority and dictate the law to the good. Suppose that any circumstance operates the conversion of 50 percent of them, the good will be in the majority and in his turn will dictate the law; of the 25 others, frankly bad, many will suffer the influence of those, remaining only a few incorrigible without preponderance.

Let us take an example, in order to illustrate what we have just said: There are people within which the assassination and the theft are the normality, constituting exception the good.

In the most advanced peoples and best governed of the Europe, the crime is the exception; weakened by the laws, it has no influence over the society. What in these peoples are still dominating are the vices of character: the pride, the selfishness, the cupidity with its followers. Why, progressing these peoples, the vices would not become the exception, as are today the crimes, allowing to the inferior peoples to reach our level? Deny the possibility of this ascendant march would be deny the progress. Certainly, reach such state of things cannot be the work of one day, but, if there is a cause able to rush his advent, this cause is, without a doubt, the Spiritism.

Factor, par excellence, of the human fraternity, by showing that the proofs of the actual life are logical and rational consequence of the acts committed in previous lives, by make of every man the volunteer architect of his own happiness, the universal vulgarization of the Spiritism will give in result, necessarily, a sensible elevation of the moral level of the actuality.

Only elaborated and coordinated, soon the general principles of our philosophy have congregated, in imposing communion of ideas, millions of adherents spread across all the Earth. The progresses achieved by its influence, the individual transformations and places that they have provoked in less than fifteen years, allow we appreciate the immense and radical modifications that will operate in the future.

But if, thanks to the development and the general acceptance of the teachings of the Spirits, the moral level of the Humanity constantly tends to rise itself, singularly would elude himself who supposed that the morality will preponderate over the intelligence. The Spiritism, in fact, does not want to be accepted blindly; calls for the discussion and the light.

"Instead of the blind faith, that annihilates the freedom of thinking, it says: *There is not unabated faith, except the one that can look face to face the reason, in all the epochs of the Humanity. The faith needs of base and this base consists in the perfect intelligence of what shall we believe. In order to believe, it is not enough to see, is, above all, necessary to understand.*" (*The Gospel According to Spiritism.*)

With good right, so, we can consider the Spiritism as one of the strongest precursors of the aristocracy of the future, that is, of the **intellectual-moral aristocracy**. (The critics of Kardec, who generally accuse him of mysticism, ingenuity, alienation - without ever they had read him and much less studied - would be surprised if they, eventually, had the work of reading an essay like this, in which the social problems, economics, political, religious and cultural of the Humanity, are exposed in an accurate synthesis, the result of an objective analysis of the existential reality. The same would happen with the reading of the previous essay about the trilogy *freedom, equality and fraternity*. The thesis of the aristocracies, as we see, reestablishes the etymological sense of the term, putting the problem in its precise historical and social perspective. The empire of the aristocracy of the intelligence is undeniable in the technological era, but it is also evident the general clamor against the lack of morality in our time. This clamor, which largely manifests itself in the vindication of the social justice, confirms the prediction of Kardec about the inevitable advent of the future *intellectual-moral aristocracy*. Read up, by the way. *The Man and the Society in a New Civilization* of Humberto Mariotti. *J. Herculano Pires note.*)

*